

Editorial

Para a edição de número nove da *Revista Travessias* resolvemos estabelecer uma nova interlocução com Fernando Pessoa e com a belíssima imagem que nos oferece Milton José de Almeida.

Em Athena/ Idéias Estéticas da Arte, diz Fernando:

Tem duas formas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjetivo da vida. Esse aperfeiçoamento é direto ou indireto; ao primeiro se chama arte, ciência ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo.

Então eu olho, miro e admiro a fotografia com a qual Milton brinda *Travessias* e percebo que entre o que Fernando afirma e o que a fotografia revela há o ponto comum das duas vias, dos dois suportes, do silêncio e do grito, da ordem e da contra-ordem, da forma e do vazio, da presença e da ausência. Há na imagem a natureza do mineral e do vegetal, o ferro duro que se amolda, a árvore flexível, que morta endureceu. Travas, suportes, pontes, sustentáculos, sinais, marcas que a passagem de um estado a outro, de um momento ao outro deixam para sempre: travessias

Então eu prossigo minha interlocução/encantamento e encontro Fernando para dizer-me que:

como, porém, o nosso conceito do mundo compreende o que fazemos de nós mesmos, e, por outra parte, no conceito, que de nós formamos, se contém o que formamos das sensações, pelas quais o mundo nos é dado; sucede que em seus fundamentos subjetivos, e, portanto na maior perfeição em nós- que não é senão a sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos -, a arte se mistura com a ciência, a ciência se confunde com a arte.

Por nove momentos diferentes, idiossincráticos e singulares nossa *Travessias* segue seu destino de ser suporte, sustentáculo, inspiração e ponte a todos os que querem se anunciar e vazar nas letras de seus artigos, seu jeito de *sensoriar* o mundo em forma de ciência e arte.

É ainda Fernando que finaliza este diálogo declarando-nos:

Somos só o que nos fizeram ser, e dormimos com sonhos, servos orgulhosos neles da liberdade que nem neles temos. Por isso o nascituro que se diz do poeta, se aplica também a metade do artista. Não se aprende a ser artista; aprende-se porém, a saber sê-lo. Em certo modo, contudo, quanto maior o artista nato, maior a sua capacidade para ser mais que o artista nato. Cada um tem o Apolo que busca, e terá a Athena que buscar. Tanto o que temos, porém, como o que teremos, já nos está dado, porque tudo é lógico. Deus geometriza, disse Platão.

Os Editores.